

05/06/2015 - 05:00

Ética e estética

Por **Tatiana Salem Levy**

Quando entrei para a faculdade de letras - e nisso lá se vão 20 anos -, lembro-me de ter ficado particularmente assustada com o nome de um departamento: ciências da literatura. Na minha cabeça, ciência e literatura eram coisas opostas. Literatura não tinha que provar nada, era uma arte, e como tal passava pela sensibilidade, mais do que pela razão. Mas eu logo entendi que, ali, aquele nome fazia sentido. A universidade - e sobretudo os textos acadêmicos - tentava cercar a literatura de justificativas, comprovações, tornando-a mais uma disciplina de estudo do que um modo de experimentar o mundo.



Por isso, toda vez que me deparo com um texto teórico livre de determinadas amarras acadêmicas (felizmente, isso tem acontecido cada vez mais), sinto uma alegria profunda. Foi exatamente isso que experimentei ao ler o livro "Literatura e Ética: da Forma para a Força", de Diana Klinger. Parte de uma coleção de autores latino-americanos, intitulada "Entre Críticas", e organizada por Paloma Vidal, o livro de Diana percorre conceitos fundamentais da filosofia e da teoria literária, proporcionando ao leitor uma verdadeira experiência do que ela entende por literatura e ética. Nada a ver com ciência, portanto.

Para começar, o livro tem um formato inesperado. Mistura gêneros: epistolar, biográfico, teórico. É aberto com uma carta para uma amiga (no total, são três) em que narra a anedota de um etnólogo que estava fazendo um trabalho de campo numa aldeia na África quando uma chuva forte fez desabar uma cabana sobre um homem, que terminou gravemente ferido. O chefe da tribo fez um ritual para descobrir o porquê do acontecimento. O antropólogo, do alto da sua sabedoria, explicou que a madeira estava velha e por isso a cabana desabara. Estupefato diante de tanta obviedade, o chefe da tribo respondeu: "Isso aí todo mundo sabe... o que nós queremos saber é por que isso aconteceu naquele momento, quando aquele homem, e não outro, estava dormindo..."

Pedir, encontrar, inventar um sentido - eis a tarefa do nativo, que deveria ser também a do antropólogo, do filósofo, do escritor. Como comenta Diana: "Passamos anos da nossa vida agindo (escrevendo) como o antropólogo. Mais próxima do nativo, hoje me sinto muito menos tentada a provar e constatar o que, no fundo, 'todo mundo sabe', e muito mais a fim de procurar algo da ordem do inconstatável. De interrogar o céu."

É isso o que faz em seu ensaio: tece ligações, cria uma rede de possíveis sentidos, misturando vida e pesquisa, deixando-se levar pelos acasos e pelas coincidências, dando sentido para acontecimentos que aparentemente não o têm, como a perda do caderno com um semestre inteiro de anotações para fazer o livro que, no fim, terá que ser escrito a partir de uma memória da escrita, sobre o vazio dessa perda.

Ensaio é, sem dúvida, a melhor definição para textos teóricos que se propõem a fugir de um determinado modelo enrijecido de escrita. Ensaiar, experimentar, tentar "uma revolta contra a doutrina segundo a qual o mutável e o efêmero não são dignos de filosofia, como diria Adorno". Os conceitos, em vez de ser definidos, são colocados em relação uns com os outros, como a teia de aranha de que nos falava Barthes a propósito do texto/tecido. Assim, Diana abre-se para o inesperado não apenas na teoria, mas também na prática, incorporando casualidades e memórias à escrita.

Pensar como o nativo é pensar para além do estético e do representativo, entender a escrita como prática ou ritual, uma

forma de estar no mundo. Uma forma de existência, diz a autora, referindo-se às práticas de si de que nos fala Michel Foucault. Afirma o filósofo francês: "O que me surpreende é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos, e não com os indivíduos ou com a vida. A vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte?" Aqui, nessa pergunta, entra a questão da ética. Ética como cuidado de si, que nada tem a ver com uma cultura narcisista e sim com uma "arte da existência".

A pergunta pelo sentido, afirma Diana Klinger, é o ponto de confluência entre ética e estética. O pensamento como ato e experiência, como potência de contestação, diria Bataille. Dessa forma, a escrita seria "um ato que reverbera na vida, na própria e na dos outros". Em outras palavras, um ato que lhe dá sentidos. Haveria, assim, uma passagem da relação entre linguagem e realidade para a relação entre linguagem e existência ou "da forma para a força".

Arte como encontro, afetação. "Sentido", sublinha Diana, "quase equivale à potência ou força vital". Spinoza diria que se trata de uma questão de encontros e reverberações. A obra deixa de ser pensada como objeto, para ser pensada como ato capaz de provocar afetos nos outros e em nós mesmos. Enquanto a moral diz respeito a nossos deveres em sociedade, a ética fala da busca por uma vida que vale a pena ser vivida. Se a moral coloca a questão: "como devo agir?", a ética, por sua vez, pergunta: "que vida eu quero viver?" Portanto, a busca pelo sentido está no cerne da reflexão ética.

Da mesma forma que houve, em outras décadas, a chamada virada linguística (com Saussure, Lacan, Barthes) e uma virada cultural (com os estudos culturais), fala-se agora numa virada afetiva. Segundo Diana, "uma parte ponderável do pensamento contemporâneo é atravessada pela intuição de que a dimensão dos afetos pode escapar da apregoada onipotência da razão metafísica".

Essa ideia vem de uma recuperação, por parte da filosofia do século XX, de um autor banido de sua comunidade no século XVII: Spinoza. Contemporâneo de Descartes e seu "Discurso do Método", Spinoza aproxima a filosofia dos sentidos, dos afetos. Para ele, não se trata de questionar o que pode a consciência, mas o que pode o corpo. E o que pode o corpo é afetar e ser afetado a partir de encontros. A ética spinoziana não está centrada num sujeito em si, mas nas relações dos corpos. O que nos estabelece enquanto seres no mundo são os afetos.

Diana Klinger pretende, assim, pensar a literatura como força, e não como "burocratização da vida acadêmica", relacionando teóricos por quem se interessa, como Deleuze, Spinoza, Benjamin, Didi-Huberman, com autores como Cortázar, Camus, Tamara Kamenszain, Roberto Bolaño e acontecimentos da própria vida. No entanto, quando se propõe a misturar dados biográficos, deixa claro que a sua intenção é transcender uma percepção meramente individual, estando mais preocupada em mostrar as redes que são construídas entre leitura e escrita.

Diana diz que o esquecimento foi sempre o seu refúgio. Mas quem escreve sabe que em algum momento o passado emerge. Há sempre um momento em que é preciso desenterrá-lo, revolver a terra, como afirma Benjamin. Mas que a memória seja "uma força e não um fardo" é a proposta de Hannah Arendt, levada a cabo pela autora de "Literatura e Ética".

Ao longo da vida, Diana foi apagando os rastros da sua memória. Apagou sua identidade judaica. A família morta no Holocausto. Apagou a língua alemã, que aprendeu em casa e na escola. Apagou o espanhol quando saiu da Argentina e veio morar no Brasil. Apagou a prisão do pai em 1975, durante a ditadura em seu país.

Recomeçou sempre do zero. Mas em algum momento, em suas leituras de Tamara, Alejandra Pizarnik, Benjamin, os fantasmas surgiram, sussurraram, e ela quis ouvi-los, talvez a única forma de fazer com que a herança não "seja a sombra pesada dos mortos que clamam por redenção". E, assim, a leitura saiu do engessamento acadêmico para se tornar a possível construção de um sentido às perguntas que um nativo faria: por que com ela? Por que naquele momento? Por que não com outro?

O livro de Diana é um alívio dentro de um universo que na maior parte das vezes se fecha em respostas "que todo mundo sabe", numa racionalidade que pouco tem a ver com afetos e relações (ciências da literatura). Um universo que continua, na contramão dos ensinamentos que seus integrantes proporcionam, preso à obra, em vez de se jogar no texto, no tecido, na teia de aranha em que uma linha se junta à outra para formar uma rede de conceitos e afetos. Agarrando-se à ideia de que a escrita é uma ética, uma prática de si, a autora abre espaço para a força da existência, a própria força que é o motor de quem escreve.

Tatiana Salem Levy, doutora em letras e escritora, escreve neste espaço quinzenalmente

